

Sá de Miranda e a crise religiosa de seu tempo

Francisco de Sá de Miranda é uma das figuras mais curiosas do Renascimento português. Personalidade rica e polifacetada, conquistou lugar na galeria da nossa história literária como introdutor do classicismo, inaugurando gêneros, metros e formas estróficas ao depois largamente cultivados por numerosos discípulos. Quanto a este ponto, cremos que tudo ficará dito quando se escreve: «Se Sá de Miranda não tivesse existido, a poesia de Camões não teria sido o que foi»¹.

Dum modo geral, porém, a crítica tem mais em conta o homem do que o literato, quando se lembra do seu nome. Neste aspecto, não se costuma gastar muita tinta com Sá de Miranda: «Poeta muito venerável e muito venerado, mas tido geralmente como pouco poético»². Ou então quase só a referência ao estilo que «parece talhado em madeira rija»³. O que sobreviveu foi a imagem da sua rija têmpera de «homem de antes quebrar que torcer», entendida como crítica severa à corte joanina, poucos chegando à síntese algo lisongeira de Garrett, de que Sá de Miranda poetou com a filosofia e filosofou com as Musas.

No entanto, se o poeta do Neiva saiu a terreiro, brandindo a pena como se espada fosse, isto deve-se ao facto de, inovando no campo das letras, ter embatido na dura resistência da «escola velha», onde ao tempo cintilava o génio dramático de Gil Vicente. É quase certo que Sá de Miranda abandonou o Paço e se retirou para o Minho, terra de seus avós, por se ter sentido vexado pela galhofa

¹ J. V. DE PINA MARTINS, *Sá de Miranda e a Cultura do Renascimento*, Lisboa, 1971, p. 177.

² *Dicionário de Literatura*, direcção de J. do Prado Coelho, Livr. Figueirinhas, Porto, 2.ª ed. s/d, p. 644.

³ A. JOSÉ SARAIVA, *História da Literatura Portuguesa*, Vol. III, da *H. I. das Grandes Literaturas*, Lisboa, 1966, p. 71.

do «Mestre da Balança», cujo sarcasmo não conhecia os limites da conveniência quando se tratava de esmagar as suas vítimas⁴. Este acontecimento influiu de maneira decisiva na atitude mirandina perante os homens, costumes e opiniões de seu tempo, dos quais se tornou um censor austero.

Cante muito embora o Poeta loas à

«Segura, dulce y santa
vida del monte⁵;

diga que preferiu os montes, porque

«estes montes são melhores
que as praças das confusões»⁶;

o certo é que a água do Neiva e do Lima — «esta llamada el agua del olvido»⁷ — não apagou velhas recordações da cidade. Ali, na sua *cabana* «adonde al importuno tiempo se vino huyendo»⁸, no seu ermitério de vida contemplativa, já que

«por Raquel e não por Lia
sete e sete anos *servira*,

não deixa de admitir que

«pode ser por ela um dia
qu'inda voasse d'aqui»⁹.

Resumindo: Sá de Miranda reagiu, e até com acrimónia, «às animosidades» que o cercaram. Apodar de pasquins os autos de Gil Vicente¹⁰ é apenas um momento da sua atitude polémica «que, ao que parece, é muito mais extensa e complexa do que poderia

⁴ Na comédia sobre a *Divisa da Cidade de Coimbra* e na farsa *Clérigos da Beira*, Gil Vicente ridiculariza a bastardia de Sá de Miranda. O assunto vem largamente tratado em J. DE SOUSA MACHADO, *O Poeta do Neiva*, Braga, 1929, que rejeita as «sentenças» de T. Braga e C. Michaëlis e conclui: «Sá de Miranda não se sentia bem com as alusões grosseiras e picarecas de que Gil Vicente abusava para ter graça e conquistar aplausos», p. 67. «Sá de Miranda fora ridicularizado em plena corte» (p. 72). O mesmo opinam, entre outros, FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, II, Lisboa-Porto, 1968², p. 357, e J. S. DA SILVA DIAS, *A Política Cultural da Época de D. João III*, Coimbra, 1969, p. 325.

⁵ *Écloga Nemoroso*, Obras Completas, Liv. Sá da Costa, 1976, p. 200.

⁶ *Écloga Montano*, O. Compl. I, Liv. Sá da Costa, 1976, p. 278.

⁷ *Fábula do Mondego*, O. Compl. I, p. 96, e Soneto «Neste Começo d'Ano», O. Compl. I, p. 305.

⁸ *Écloga Montano*, O. Compl. I, p. 200.

⁹ *Carta a D. João III*, O. Compl. II, Liv. Sá da Costa, 1937, p. 53.

¹⁰ *Carta a A. Pereira Mamarrague*, O. Compl. II, p. 87.

supor-se»¹¹. Tão extensa que, estamos em crer, não lhe escapou nenhuma das três coordenadas da sua obra: intenções inovadoras, intenções polémicas e intenções moralistas. E tudo começou com a polémica travada à volta das inovações: a má vontade dos homens levou Sá de Miranda a reflectir sobre as razões do proceder dos seus contemporâneos e a julgá-los pelo critério de português velho¹².

Mas, partindo embora duma perspectiva muito concreta, o poeta-filósofo abarca no seu exame os vários sectores da vida nacional de que, por andanças, tinha notável experiência¹³. Considerando, pois, Sá de Miranda um escritor intencional, cingimo-nos ao seu pensamento religioso, de homem que viveu numa época profundamente conturbada.

Vamos aos textos.

Poesia bucólica

A primeira vez que Sá de Miranda alude à corrupção da sua época é na égloga *Alexo*:

«los aires andan corrutos,
los hombres cada vez más»¹⁴.

Mas já nas *Trovas à maneira antiga* diagnosticara o mal de seu tempo:

«Passaron los hombres, la fe ya es pasada,
amor no reina, reinan niñerías»¹⁵.

Na égloga *Montano*, entre as causas por que «se o mundo perdia», assinala-se o desleixo dos rafeiros por cuja «má guarda...

perde o pastor as manadas
que andam todas derramadas
por cima destes outeiros»¹⁶.

¹¹ D. MOURÃO-FERREIRA, *Três coordenadas na Poesia de Sá de Miranda*, Fac. Letras, 1951, p. 71.

¹² D. MOURÃO-FERREIRA, *o. c.*, pp. 16-17 e 111.

¹³ Égloga *Basto*, O. Compl. I, 150.

Andei d'aquem para além;
vira terras e lugares
tudo seus avessos tem;
o que não experimentares
não cuides que o sabes bem.

¹⁴ O. Compl. II, p. 114.

¹⁵ Glosa à cantiga de A. Ferreira: «Llorando presentes quales/m'acuerda biens passados», O. Compl. I, p. 70.

¹⁶ O. Compl. I, 277

E, se «anda tudo

sem concerto e sem direito,

é porque.....

«a Deus não se tem respeito»¹⁷.

Correm vozes de prodígios, de coisas monstruosas:

«No parece sino que Dios se ensaña,
amor en nos no ve, prueba el temor».

Na raiz do mal estará a falta de educação. Os filhos tomam mau caminho, fogem dos pais:

«Niños sin distinto alguno,
mocedad tan peligrosa
que no escapa de ciento uno»¹⁸.

Responsabilidade? — Dos pais, que não têm olhos para ver os defeitos dos filhos e todos se embebecem com os progressos dos meninos prodígios:

«Sabia más que el jurado
bien jurado,
ayudava a misa al crego,
aunque este es el mal muy usado
seres con tu hijo ciego»¹⁹

Mas será que Sá de Miranda «repreende o costume de os moços da aldeia serem ajudantes de clérigo», como pretende a nota de Rodrigues Lapa à sua edição? Será «uma prova sobre outras do anticlericalismo de Miranda»?²⁰. Ou não será que certos apriorismos fazem tresler o que é bem claro? Saber ajudar à missa é antes um motivo de vaidade para os pais, que no filho só vêem prendas.

¹⁷ O. Compl. I, 278.

¹⁸ Écloga *Alexo*, O. Compl. I, p. 107.

¹⁹ *Ib.*, p. 106.

²⁰ *Ib.*, p. 106, nota 1.

Cartas

Na *Carta a D. João III* há três quintilhas que satirizam costumes clericais:

«Ora, já que as conciências
o tempo as levou consigo,
venhamos às penitências.
Senhor, se eu visse castigo....
Boas são as residências.

Mas eu vejo cá na aldeia
nos enterros abastados
quanto padre que passa
enfim, ventre e bolsa chea
e absoltos de seus pecados.

Se querem reconciliar,
uns com os outros tem seu trato:
abasta-lhes acenar;
não nos fazem tal barato
ò tempo de confessar»²¹.

Estes versos não vêm na primeira edição, mas Carolina Michaëlis foi encontrá-los num dos manuscritos que utilizou na sua edição das poesias. Lá foi buscá-los Rodrigues Lapa, porque «são importantíssimos para definirem a posição religiosa de Sá de Miranda»²². Aceitemos a sua autenticidade, embora não escasseiem motivos para duvidar. No contexto em que se encontram, explicam a necessidade de rigorosa justiça penal — as «varas direitas e sem nós» — uma vez que já não «há consciência». E não há consciência, porque os confessores são uns passa-culpadas. Faltar-lhes-ia, aliás, autoridade moral para serem severos, porque também eles querem encontrar facilidades quando «se querem reconciliar».

A referência aos «enterros abastados» poderia relevar de costumes locais que motivariam uma «crítica à cobiça do clero»²³. No con-

²¹ O. Compl. II, p. 41-42.

²² *Ib.*: Os versos em causa teriam sido cortados pela censura de P. Bartolomeu Ferreira.

²³ O texto não é claro. As palavras «residência» e «padres» não ocorrem outra vez na obra de Sá de Miranda. No vocabulário anexo à sua edição, C. Michaelis dá para sinónimo de «residência»: «exame ou informação que se tira do processamento dum juiz» (o. c. p. 929). A não ser que se trate duma interpolação e o termo conserve a acepção vulgar de habitação do abade ou pároco, convirá melhor a definição de Viterbo: sindicância, devassa.

Em qualquer caso não parece que um censor, com a largueza de vistas que o P. Bartolomeu Ferreira revelou no exame de *Os Lusíadas* se deixasse impressionar por vulgar

junto, uma ironia vulgar e pouco responsável, uma das muitas graças com que o povo gosta de beliscar os seus padres.

Depois desta sátira ao clero rural, encarregado da cura de almas, outra aos frades que exerciam o magistério nas escolas públicas:

«Sofistas me são defesos
com todas as suas cismas,
da fé que não de sofismas
quer Deus os peitos acesos»²⁴

Estava-se no declínio da Escolástica. O nominalismo abastardara o ensino e aos grandes mestres medievais sucederam ensinantes medíocres que perdiam o tempo em questiúnculas sem real interesse para a aquisição dum saber que precisava de informar a vida. Um saber que se parecesse com a filosofia estoica e não uma filosofia em que «tudo são palavras vãs».

Na *Carta a D. João III* há ainda uma quintilha que se pode entender como censura à guarda de que o Papa se rodeia, quando o Rei português anda só rodeado de amor:

«O Padre Santo assi faz
a quem certo se devia
alto assossego, alta paz,
e tem guarda todavia
com que vai seguro e jaz»²⁵.

A intenção crítica não transparece claramente.

O Teatro

Falta considerar as comédias *Os Estrangeiros* e *Vilhalpandos*, que introduziram em Portugal o teatro clássico, ao gosto de Plauto e de Terêncio.

Talvez que o aspecto mais característico do teatro mirandino seja o uso da prosa, uma vez que as personagens postas em cena

chalaça ao clero. De resto, a sentença dos versos finais da 3.ª quintilha contradiz os correspondentes da 1.ª. Outra hipótese será a de ver em «uns» os padres, e em «outros» os abastados. Estes só encontrariam facilidades porque eram ricos; os rigores da penitência seriam só para os pobres. Neste caso, porém, dificilmente poderá manter-se a autenticidade das três quintilhas: Sá de Miranda é precisamente um desses abastados.

²⁴ O. Compl. II, p. 53.

²⁵ O. Compl. II, p. 44.

pelos famosos comediógrafos latinos haviam sido largamente exploradas durante toda a Idade Média, sem excluir as peças de Gil Vicente.

Escritas em prosa, as duas comédias mirandinas constituem dois monumentos notáveis da prosa quinhentista, rica de vocabulário e recheada de processos estilísticos. No entanto, como exemplos de seu gênero específico, são — diz a crítica — monótonas e enfadonhas²⁶. Há a anotar a discordância de Andrée Cabré Rocha, que defende o teatro de Sá de Miranda do juízo desfavorável de Carolina Michaëlis, e mostra apreço pelos criados das comédias mirandinas que «têm a esperteza ladina do povo das grandes capitais, que nos põem muito longe da singeleza rústica dos labregos vicentinos»²⁷. Mas o que a professora coimbrã mais aprecia é a sátira de Miranda, garantindo-nos que «onde a sátira se faz mais vibrante é no capítulo religioso. Aqui mais uma vez — assegura — Sá de Miranda se distingue pela audácia do seu protesto»²⁸.

Os Estrangeiros

A comédia *Os Estrangeiros* é dedicada ao Cardeal D. Henrique que a ela como à *Vilhalpandos* «não só lhas mandou pedir, senão que, pouco depois de Francisco de Sá morto, porque se elas não perdessem, as fez imprimir ambas em Coimbra na forma em que andam, e as tinha e lia muitas vezes»²⁹.

A ação da primeira comédia decorre em Palermo e tem como protagonista um mancebo de nome *Amente*, natural de Valença, que se enamorara duma jovem chamada *Lucrecia*, natural de Pisa, afilhada do *Doutor Petrônio*, a quem o pai a confiara, e em cuja companhia tivera de abandonar a pátria, submetida à Florença dos Médicis. Além de *Amente*, ambicionavam *Lucrecia* um soldado espanhol e o *Doutor Petrônio*, para quem o casamento era antes «cativeiro acostumado», mas agora «cousa santíssima e necessária»³⁰. À volta destas personagens gravitam os pais dos jovens, criados e

²⁶ *Diccion. de Literatura*, p. 644.

²⁷ «O Teatro de Sá de Miranda», em *Colóquio*, revista de Artes e Letras, 12 (1961) 51.

²⁸ *Ib.*, p. 52.

²⁹ «Vida do Doutor F. de Sá de Miranda», anteposta à edição de 1614; na edição de R. Lapa, *O. Compl. I*, p. XI.

³⁰ *Os Estrangeiros*, *O. Compl. II*, p. 148.

alcoviteiros, os quais o comediógrafo chama a complicar o enredo e parece ter dificuldade em despedir. O mais curioso é o truão *Devorante*, a quem o escritor distribui bom lote de ditos chistosos e alguns comentários com a sua dose de sal. Para o caso, dele parte uma ferroadazita aos frades:

— «Ditosos homens que se lhes crê quanto dizem!»

com que o mesmo comenta uma sua exclamação anterior:

— «Então deixai vós os frades bradar do púlpito e bracejar que não há dias aziagos!»³¹.

Outra personagem que situa a acção no tempo, com uma referência aos Florentinos que, acompanhando o seu Papa (Leão X), se haviam assenhoreado de Roma, é Guido, pai de Lucrecia:

— «Não sabes que as duas partes de Florença são passadas com este seu Papa a Roma?»³².

São os interesses da torva política italiana com as suas cidades-estados em luta pela hegemonia, com reflexos nefastos na independência da Santa Sé, metida na mesma confusão em virtude dos Estados Pontifícios. Esta circunstância explica o azedume da resposta de Petrônio:

— «Não me fales naqueles clérigos, tão ricos e tão ociosos, que eu não cuido que Deus, com toda a sua paciência, os possa sofrer muito tempo»³³.

O Doutor tem ainda outras ocasiões de mostrar o seu despeito contra os «mosteiros mendicantes, como eles se chamam», onde jazem os teólogos e frades que pretendiam, segundo afirma, disputar aos juriconsultos «o senhorio de todas as ciências»³⁴. O que dito fica não pode considerar-se colheita muito abundante em matéria de crítica religiosa, ainda por cima rectificada com o elogio, ao que parece sincero, por parte de Guido, a «um Dom Abade... homem religioso e bom»³⁵.

³¹ O. Compl. II, p. 142-143.

³² O Compl. II, 157.

³³ O. Compl. II, 157.

³⁴ O. Compl. II, 155.

³⁵ O. Compl. II, 158.

Vilhalpandos

Se há anticlericalismo nas comédias de Sá de Miranda, só poderá ser na *Vilhalpandos* que, lemos num compêndio muito divulgado, «está animada de um anticlericalismo intenso, que tira partido da localização do enredo em Roma»³⁶.

Nesta comédia, como na primeira, Sá de Miranda explora a sua passagem relativamente fugaz e obscura³⁷ por várias cidades de Itália, dramatizando episódios de que poderia ter conhecimento directo, como o saque de Roma pelas tropas imperiais, ao mesmo tempo que a circunstância de lugar lhe facultava ensejo feliz para a imitação dos grandes comediógrafos latinos. Como nalgumas comédias de Plauto e de Terêncio, o núcleo central é constituído pelo conflito entre duas gerações: a dos filhos, no caso *Cesarião*, enleado nas malhas apertadas de amores fáceis com uma pobre rapariga, *Aurélia*, explorada pela mãe *Guiscarda*, proxeneta sabida, e a dos pais, no caso *Pompónio* e *Fausta*, os quais, cada um a seu modo, procuram reconduzir o jovem transviado a sentimentos dignos da família e ao casamento com uma jovem de condição.

Sá de Miranda resolveu introduzir aqui também o enredo da famosa comédia de Plauto, *Anfitrião*³⁸, para se aproveitar dum hilariante *qui pro quo*, mas com prejuízo da unidade, pela sobreposição de dois enredos.

Acontece, porém, que a mentalidade destes soldados espanhóis lhes dita, em virtude de circunstâncias políticas, graves acusações a Roma e à Cúria, facilitadas pela identificação entre Roma e o clero:

— «Estes vossos clérigos todos são avarentos»³⁹. Esta vossa Roma toda se revolve em dinheiro»⁴⁰. «La cuidando nestes clérigos perfumados que ricas aljubas vestiam.» «Querem também clérigos ter corte e damas»⁴¹. «Nós cos arcabuzes às costas... e Roma sempre com os seus prazeres»⁴². «Roma a nova e Roma a velha... onde não vedes mais de romãos que o nome e a soberba de barba alçada»⁴³. «Nesta vossa Roma tudo é papel e tinta... Assi acontece

³⁶ A. J. SARAIVA e ÓSCAR LOPES, *Hist. da Lit. Portuguesa* Porto, 7.ª ed, s/d, p. 266.

³⁷ J. S. DA S. DIAS, *A Política Cultural*... p. 315.

³⁸ A acção passa-se em Tebas. Geralmente os dramaturgos romanos escolhem para cenário das composições a Grécia. Os humanistas escolheriam naturalmente Roma, a Itália...

³⁹ O. Compl. II, p. 222.

⁴⁰ O. Compl. II, p. 223.

⁴¹ O. Compl. II, p. 238.

⁴² O. Compl. II, p. 238-239.

⁴³ O. Compl. II, p. 239.

onde há pouca verdade»⁴⁴. «Roma, onde homem não sabe de quem se fie»⁴⁵ «Em Roma nem de si mesmo se há homem de fiar»⁴⁶.

Outra personagem que tem a ver com os costumes do clero romano é o alcoviteiro *Milvo*, que veio exercer em Roma a vil profissão em que se iniciara em Florença⁴⁷. Ele averba à sua conta esta queixa contra Roma: «terra onde não saram pobres nenhuns, com quantos hospitais nela vê»⁴⁸. Faz ainda coro com um Vilhalpando, explicando o luxo dos clérigos perfumados pelas «rendas que eles comem»⁴⁹.

Mais solto de linguagem é o criado *Antonieto*, que, como bom criado, murmura de tudo e de todos:

— «Quem anda neste mundo em seu hábito nem em seu próprio rosto? De alguns religiosos saem enganos, dos regedores as desordenanças, dos letrados as cautelas, como das boticas as peçonhas»⁵⁰.

Dentro da comédia cabe-lhe o papel de meter a ridículo a crendice da ama Fausta que espera a «conversão» do filho, dos bons ofícios de um ermitão e nove beguínas. O seu diálogo com Fausta revela-nos o mundo de superstições em que vive a matrona e as «comadres» que a vão explorando⁵¹.

As críticas mais graves, porém, saem da boca de Pompónio, velho rico e avarento, que em todos suspeita a caça ao seu dinheiro, sem excluir naturalmente o «estado eclesiástico» de quem aconselha o compadre Mário a defender-se⁵², os «físicos espirituais que apalpm os pacientes, lançados fora todos os competidores», e que agora mandam lavar os pecados «com aquela água que chamam da moeda»⁵³. Ele se queixa das «devações» da mulher, que «tudo será à sua custa»⁵⁴. «Té os ermitães do ermo lhe saqueiam a casa». Acoutar-se

⁴⁴ O. Compl. II, p. 249.

⁴⁵ O. Compl. II, p. 256.

⁴⁶ O. Compl. II, 263.

⁴⁷ Dele é este desabafo: «Ó velho parvo de Milvo, que te nasceram os dentes em Florença e agora te caem em Roma. Cuidei que, ao menos neste mester das mulheres, pola experiencia, que ja tinha descoberto tudo». O. Compl. II, p. 235.

⁴⁸ O. Compl. II, p. 199.

⁴⁹ O. Compl. II, p. 238.

⁵⁰ O. Compl. II, 233.

⁵¹ O. Compl. II, pp. 218-221. Uma superstição curiosa é a do *Judeu errante* ou de João Espera-em-Deus, que mereceu a C. Michaëlis um artigo na *Revista Lusitana*, 1 (1887) 1,34-44. Segundo a ilustre professora, a velhinha, apesar de matrona romana, era legitimamente portuguesa, o que nem todos aceitarão (cfr. *ib.* p. 39).

⁵² O. Compl. II, p. 193.

⁵³ O. Compl. II, p. 195.

⁵⁴ O. Compl. II, p. 199.

de seus inimigos às «casas de oração»? «E aí que há muita hipocrisia!».

Acrescentemos finalmente a malícia de Guiscarda na exclamação: «Que mau ofício será o de porteiro de frades!», e a velhacaria da filha de Milvo, disfarçada de pagem — Ruberto —, a impingir à velha proxeneta a fantasia da filha a jogar com os clérigos da embaixada de França, e teremos forrageado a crítica clerical da *Vilhalpandos*.

Crítica severa? — Julgamos que moderada e até prejudicada em muito pelo baixo estofo das testemunhas.

Que pensava Sá de Miranda da corrupção que verificara no coração da Cristandade? Seguramente o que pôs na Boca da *Fama*:

— «Olhai bem, que de quantas cousas em todo ele (o mundo) há, nenhuma responde igualmente a sua fama: nem em Paris essa cidade, nem essa Roma lá santa»⁵⁵.

Aliás não nos parece a crítica ao clero a mais intensa na comédia: muito mais o é a sátira antifeminina, tanto que se poderá falar no misogenismo do autor, que a respeito da libertinagem da mulher romana ou que a Roma era atraída (como Guiscarda e Aurélia, bolonhesas), já escrevera na égloga *Andrés*:

«A cab'del turbio Tibre, que rebaños
hay de zagalas, más que deven sueltas,
que biven de doblezas, y de engaños,
palabras dulces, en ponzoña embueltas,
con que a los mozos, como a viejos d'años
hazen que ciegos van dando mil bueltas:
isla de Circes mala: alli vereis
unos tornados puercos, y otros bueys»⁵⁶.

Sá de Miranda, anticlerical?

Uma parte considerável, se não a maior, das notas explicativas da edição de Rodrigues Lapa destina-se a sublinhar o anticlericalismo do Poeta do Neiva. Cremos que o facto merece reparo e supõe um esclarecimento.

⁵⁵ O. Compl., p. 189.

⁵⁶ O. Compl. I, p. 198.

Se entendermos por anticlericalismo a reprovação dos desmandos de eclesiásticos e a mágua sincera pelos defeitos dalguns membros da Igreja, por amor da Igreja, Sá de Miranda teria sido um anticlerical, à maneira de muitos bons cristãos e até de santos de altar. Se, porém, por anticlericalismo se entende a exibição das faltas, reais ou imaginárias, da ordem sacerdotal, para chegar à contestação da mesma Igreja, nesse sentido (talvez o que se tem na ideia) Sá de Miranda não foi de maneira alguma um anticlerical. Homem recto e culto, ele sabia distinguir as instituições, dos homens que as servem e, por vezes — tanta a fraqueza humana — delas se servem. Tanto como o sabia o auditório para quem escrevia: «plateias esclarecidas, quer em Braga quer em Coimbra, onde foram representadas perante selecta assistência de *mestres e futuros prelados*»⁵⁷. Admitir este facto e, ainda mais, o entusiasmo que o Cardeal D. Henrique manifestava pelas obras de Sá de Miranda, e continuar aferrado à tese do anticlericalismo do autor constitui paradoxo inexplicável⁵⁸.

Segundo o testemunho dum seu contemporâneo, «o que mais lustre *lhe* dava era a fama de bom cristão»⁵⁹. E, para que todas as dúvidas se dissipem, basta recordar que ambos os filhos receberam ordens menores em Braga: Gonçalo, a 17-XII-1541, e Jerónimo, a 5-III-1546⁶⁰.

Sá de Miranda, erasmiano?

Para o autor de *A Política cultural da época de D. João III*, a comédia *Os Estrangeiros* seria «o reflexo da conjugação de inspirações de renovação ideológica, através das obras de Erasmo, de trabalhos e opúsculos de Luís de Vives e dos ensaios dos erasmitas italianos e espanhóis»⁶¹. E pensa que é na defesa da Sagrada Escritura contra a «exposição chocarreira» de Gil Vicente que mais se sente «latejar o sangue erasmiano no pulso do escritor»⁶².

⁵⁷ A. C. ROCHA, *o. c.* p. 152.

⁵⁸ Mas que admite a autora do artigo, tentando justificar-se com uma escapatória que não sei como qualificar: «Quem sabe se não ouvia com uma espécie de masoquismo intelectual as ferroadas desesperadas do poeta, sabendo como sabia que estava no seu alcance controlar-lhes os efeitos, caso se tornassem perigosos» (*ib.*).

⁵⁹ Carta de Francisco Gil a D. João III, transcrita em *O Poeta do Neiva*, pp. 92-94.

⁶⁰ Cfr. de S. MACHADO, *o. c.*, pp. 324-326, onde transcreve as actas das respectivas cerimónias.

⁶¹ *O. c.*, p. 317.

⁶² *O. c.*, pp. 325-326.

Uma afirmação deste alcance supõe um conceito de Erasmismo centrado em dois prestígios: o dos Livros Santos e o do «valor social e político das letras»⁶³. De facto, o Erasmismo apresenta-se tão complexo que, em vez de Erasmismo, aproxima-se mais da verdade falar de clima erasmiano. Este caracteriza-se por uma intenção de interiorização do Cristianismo, bebido na lição directa da Escritura e dos Santos Padres e traduzido na superação de disputas entre os teólogos e de guerras entre as nações, de modo a fazer do Evangelho antes uma vida que uma fé. Erasmo de Roterdão entendeu dever dedicar à expansão deste ideário uma actividade só igualada pelo seu irrequietismo. Daí o chamar-se Erasmismo a este movimento, que Erasmo, por sua vez apelidava de *Philosophia Christi*.

Sendo assim, um estudioso do Humanismo italiano terá «como impossível isolar na obra de Erasmo um único tema, um único motivo, uma ideia-mestra, tanto metodológica com doutrinariamente, que não possamos detectar na obra filosófica ou simplesmente literária de Petrarca e dos seus discípulos do *Quattrocento*»⁶⁴. E um estudioso que se adentrasse pela Idade Média havia de verificar que a teologia positiva nunca esteve esquecida.

Por isso, em rigor, não se deve apodar ninguém de erasmiano — constitua muito embora uma honra — sem a prova documental da influência da obra do frade neerlandês. Segundo este critério, e a respeito de Sá de Miranda, qualquer semelhança entre as ideias dos dois humanistas se reduz a «convergência espiritual e influência das mesmas fontes»⁶⁵.

Quanto à devoção de Sá de Miranda pelos livros Sagrados, ela está bem patente nestes versos da Carta a João Roiz de Sá Menezes:

«Mas o que por agora aprendo
é ler livros de gíolhos
divinos, que mal entendo,
mas fossem dignos meus olhos
de cegar sobre eles lendo»⁶⁶.

E «a leitura das suas obras prova que Miranda conhecia muito bem tanto o Antigo como o Novo Testamento»⁶⁷. Conservar-se-á

⁶³ O. c., p. 326.

⁶⁴ J. V. P. MARTINS, *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do séc. XVI*, F. C. Gulbenkian, Paris, 1973, p. 24.

⁶⁵ *Ib.*, p. 29.

⁶⁶ O. Compl. II, 54.

⁶⁷ *Poesias de Sá de Miranda*, p. 784.

ainda o «exemplar do Velho Testamento de uso de Sá de Miranda»⁶⁸. Mas o interesse pela Sagrada Escritura não é exclusivo de erasmianos nem de humanistas: era de toda a Cristandade, como o testemunha o número impressionante de edições em língua vernácula imediatamente a seguir à invenção da imprensa. E não se esqueça que, entre nós, «a ossatura do *Leal Conselheiro* se formou com material bíblico, de tal modo que o edifício se manteria de pé, ainda que o mais se volatilizasse»⁶⁹.

Sá de Miranda, homem da Reforma católica?

Mas o Erasmismo possui outra conotação menos lisongeira: «O que é próprio de Erasmo são os assomos de heterodoxia a que foi levado pela sua tendência liberal de conciliação e transigência e certo cepticismo zombeteiro de homens e instituições»⁷⁰.

Não vem ao caso discutir aqui a ortodoxia de Erasmo. Uma coisa todavia parece certa: o grande humanista quis manter uma neutralidade difícil nas controvérsias teológicas geradas pela revolta de Lutero. Talvez não se apercebesse a tempo da tragédia que a heresia representava para a Cristandade e para o Humanismo. A sua intervenção contra Lutero veio tarde e teria sido ditada menos por motivos religiosos do que propriamente humanísticos⁷¹.

De qualquer modo, a Erasmo aconteceu o que sói acontecer «a todos os que não definem posições: o mais célebre humanista da

⁶⁸ As palavras entre aspas são de J. S. da SILVA DIAS, na *Política Cultural...* p. 326, nota 2, onde acrescenta que Fortunato de S. Boaventura o viu ainda na biblioteca dos bispos de Lamego, o que não é de todo exacto, pois o historiador de Alcobaça não logrou vê-lo. Efectivamente há uma bíblia historical no Museu de Lamego. Noutro lugar aventámos uma hipótese para explicar a sua presença em Lamego, a qual não coincide com a que propõe J. de S. Machado. Por ser de grande interesse para a cronologia mirandina e até para testemunhar a obediência religiosa do Poeta, transcrevemos a licença do Santo Ofício, que vem nas primeiras páginas do códice: «*Ho Cardeal Iffante a por bem que tenha esta Biblia e lea por ella ho senhor Francisco de Saa, com condição que ha nom empreste. Em fee do qual assinei aqui a 9 de Novembro de 1558. Fr. Francisco Foreyro*». Cfr. o nosso artigo na *Didaskalia*, III (1973) 87-88 e nn. 17-22.

⁶⁹ Sobre o alcance desta afirmação, escrevemos um artigo «A Bíblia no *Leal Conselheiro*» em *Didaskalia*, I (1971) 251-261.

⁷⁰ J. MENDES, «Do Erasmismo de Gil Vicente...», *Brotéria*, XXIII (1936) 5, 304.

⁷¹ Segundo o historiador J. Grisar, Erasmo só se decidiu a cortar com Lutero quando este começou a lançar os seus sarcasmos grosseiros sobre os humanistas. Seria de então a ironia erasmiana: «Dizem que o protestantismo é uma tragédia; eu digo antes que é comédia. Tudo acaba em casamentos». O livro de J. GRIZAR, *Martin Luther*, de que apenas se publicou numa edição de 2 500 exemplares, é uma raridade bibliográfica.

Renascença não contentou nem a Gregos nem a Troianos. Desconfiaram dele os católicos, desprezaram-no os protestantes»⁷².

O Erasmismo teve na Corte portuguesa o mais favorável dos acolhimentos. D. João III chegou a pensar no humanista para professor da Universidade que instalara definitivamente nos seus paços de Coimbra. E em Portugal encontrou Erasmo amigos e seguidores.

O Cardeal D. Henrique estimava estes inovadores que, dentro da ortodoxia, procuravam revitalizar a cultura e piedade cristãs, chegando a conceder protecção à corrente mística alemã⁷³ que, pode dizer-se, preparou o terreno para a acção de Lutero (pelo seu anticlericalismo e pelo desvio da linha dogmática de Roma)⁷⁴.

A influência erasmiana teria penetrado mesmo nos centros de estudos teológicos⁷⁵. Em breve, porém, o encantamento se desfez, e de Portugal partiram alguns dos ataques mais cerrados ao Erasmismo.

Causas? — Certamente as dúvidas que à ortodoxia dessas doutrinas levantavam os teólogos conservadores, de boa fé, ao que parece⁷⁶. Para cúmulo, o Erasmismo havia de chegar a Coimbra corrompido de heresia⁷⁷.

Por estas e outras razões, o Erasmismo como o ascetismo — duas correntes mais ou menos fiéis à ortodoxia romana — rapidamente perderam terreno como correntes autónomas, enriquecendo, porém, a falange conservadora com a adesão de personagens que lhes moderaram a primitiva dureza ideológica. Foram eles que forneceram à Contra-Reforma o seu elemento dinâmico e que a salvaram de ser apenas um mito de restauração do passado e de oposição ao presente⁷⁸.

⁷² J. MENDES, a. c., p. 304.

⁷³ R. RICARD, *Études sur l'Histoire religieuse et Morale au Portugal*, p. 219.

⁷⁴ J. S. S. DIAS, *As Correntes do Sentimento Religioso em Portugal...* p. 16.

⁷⁵ Cfr. C. DOS SANTOS, «Humanismo e Teologia do séc. XVI» em *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, 1975, pp. 507 e segs.

⁷⁶ E com razão, se devemos entender como soam as palavras de M. Bataillon na conclusão do capítulo «Les Portugais contre Erasme à l'Assemblée théologique de Valladolid» em *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, Paris, 1974, p. 34: «Érasme et Luther sont tous deux fils de cette éternelle couveuse d'hérésies qu'est l'Église catholique. Frères ennemis du reste. Mais Erasme a pondu plus d'un oeuf: et le plus bel oiseau de la couvée devrait avoir une lente croissance. Il n'a eu bec et ongles qu'au siècle de Renan et de Strauss». Com estas palavras, o crítico francês deve ter prestado à causa do Erasmismo ortodoxo o pior dos serviços.

⁷⁷ J. V. P. MARTINS, *Humanismo e Erasmismo*, p. 161.

⁷⁸ J. S. S. DIAS, *As Correntes do Sentimento Religioso...*, p. 31.

Pelo seu temperamento, formação e mentalidade, Sá de Miranda estaria com a Reforma tridentina, que restabelecia a disciplina eclesiástica e mantinha e representava a continuidade da Fé. O Poeta do Neiva era um saudosista consciente do passado:

«Eu não louvo o não saber,
como alguns às graças dados;
louvo muito os bons costumes...»⁷⁹.

Partidário da autoridade absoluta:

«Certa a queda e a fim tem
o reino onde há rei segundo»⁸⁰,

sabe manter uma independência que nem a amizade consegue dobrar⁸¹.

Amante da paz, sabe distinguir as várias causas da guerra e manter o ideal da cruzada em termos que hão-de inspirar as primeiras estrofes do Canto VII de *Os Lusíadas*⁸².

Cioso da sua liberdade, sabe ser dócil às leis da Igreja⁸³. Seguidor da razão, não tolera a heresia⁸⁴. Introdutor de novas formas literárias, sabe reconhecer o que deve à tradição⁸⁵.

Sá de Miranda é verdadeiramente o homem da transição: colaborou no *Cancioneiro*, ensinou os Renascentistas e, pelo uso dos aforismos populares, pressagia o Conceitualismo.

«Homem de antes quebrar que torcer, Sá de Miranda é o moralista austero em cujo perfil «podemos vislumbrar... as linhas severas de um contra-reformista»⁸⁶.

Não será por isso que diminuirá o conceito que se fizer do humanista: nem todos os humanismos serão forçosamente erasmianos.

⁷⁹ O. Compl. II, p. 47.

⁸⁰ O. Compl. II, p. 31.

⁸¹ *Carta a D. João III*, O. Compl. II, p. 95, 2.ª quintilha.

⁸² O. Compl. I, 168 (écloga *Célia*).

⁸³ Como o prova a licença que pediu para conservar a sua Bíblia sem comentário.

⁸⁴ Introdução à comédia *Os Estrangeiros*, O. Compl. II, p. 120.

⁸⁵ E o que deve Petrarca; que da «outra gente» (os trovadores), fez tão rico ordume» (O. Compl. II, p. 100).

⁸⁶ D. MOURÃO FERREIRA, *Três Coordenadas...*, p. 115.

Também o não foi Gil Vicente, um homem do povo que em tantos pontos se encontrou com Sá de Miranda, sobretudo naquela devoção terna à Virgem, a quem dedicaram os momentos mais altos da sua inspiração lírica ⁸⁷.

J. MENDES DE CASTRO

⁸⁷ A propósito da *Canção a Nossa Senhora* (cfr. edição de 1595, fls. 2v-4v) escreve Fidelino de Figueiredo: «Em nenhuma outra sua poesia, o lirismo brota tão espontâneo» (*História da L. Clássica*, Lisboa, 1922², p. 115).